

O QUE O ESPELHO DEIXA VER...

THÉO FORT-JACQUES

Laboratoire Société Environnement Territoire
Université de Pau et des Pays de l'Adour
thefortjacques@hotmail.com

BAPTISTE FRICAU

Laboratoire Société Environnement Territoire
Université de Pau et des Pays de l'Adour
baptiste.fricau@gmail.com

RESUMO

O estudo da utilização do espelho d'água no domínio da comunicação na cidade de Bordeaux esclarece sobre o que pode fazer uma imagem no planejamento do espaço público, não apenas em razão dos atributos, que advêm da concepção arquitetônica, mas de toda a dinâmica envolvida na própria publicidade. Tudo isso faz do espelho d'água um espaço com futuro incerto.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento urbano. Bordeaux. Espaços públicos. Imagem.

RÉSUMÉ

L'étude de l'utilisation du miroir d'eau dans la communication de la Ville de Bordeaux éclaire sur ce qui fait image dans l'aménagement d'un espace public, non seulement en raison de ses attributs, qui relèvent de sa conception architecturale, mais aussi des dynamiques issues de sa propre publicité. Tout cela fait du miroir d'eau un espace au devenir incertain.

MOTS-CLÉS : Aménagement urbain. Bordeaux. Espaces publics. Image.

ABSTRACT

The study of the ways the water mirror is used by the communication services of the City of Bordeaux casts light on image making in the planning of a public space, not only because of its characteristics which depend on its architectural conception, but also because of the consequences of its own publicity. All this turns the water mirror into a space with an uncertain future.

KEY WORDS: City planning. Bordeaux. Public space. Image.

PRÓLOGO

Pelo fato de estar exposto ao olhar de todos, o espaço público pode ser considerado como um essencial vetor de imagens. Os administradores do espaço urbano não se enganam quanto a essa questão e mobilizam amplamente esse potencial, seja no plano da competição nacional e internacional referente à atratividade dos territórios, seja para legitimar a ação deles junto às populações locais. O apelo aos sítios históricos e às suas imagens explica-se particularmente pela eficiência retórica do espaço que se confunde com o da imagem no sentido de tornar visível a ação do planejamento urbano e assegurar aos discursos um efeito de autenticidade baseada na materialidade dos lugares. Portanto, parece justo nos interessarmos, de maneira mais precisa, ao que faz imagem na cidade, mas também ao que nos dizem as imagens em relação ao que faz a cidade. Se, à primeira vista, o espaço parece se restringir ao papel de décor nas estratégias de imagem da cidade, o estudo do caso do espelho d'água, construído no cais de Bordeaux, revela dinamismos previstos e não previstos na encenação da cidade. A riqueza da metáfora cênica aparece aqui na pluralidade das imagens desse lugar que são difundidas pelos serviços de comunicação da cidade. De um lado, o espelho d'água constitui uma construção com fortes componentes picturais. Através de seu reflexo, ele oferece uma imagem da cidade, seu duplo narcíseo, e assim, insistindo sobre essa mesma monumental imagem, há uma perda sensível da complexidade característica da vida urbana. Por outro lado, essa vocação monumental é transposta em favor de práticas cotidianas, intrinsecamente imprevisíveis. Disso resulta um cenário improvisado, cujo espelho é, ao mesmo tempo, o cenário e o *script*, suscitando múltiplas significações. Trata-se, assim, de mostrar que a imagem da cidade procede tanto de uma composição arquitetônica do espaço quanto de um trabalho de configuração recíproca entre o lugar e o sujeito. Apoiaremos nossa reflexão sobre o estudo de duas imagens divulgadas pela cidade de Bordeaux, assim como de uma imagem de síntese produzida durante a concepção do projeto arquitetônico.

Desde sua concepção, o espelho d'água situado em frente à praça da Bolsa em Bordeaux integra uma dimensão fortemente pictórica e estética: ele deve revelar o valor do lugar, dar sentido à monumentalidade arquitetônica, ser a testemunha de uma modernidade que assume seu patrimônio e simbolizar o retorno de uma interação com o rio.

CRIAR O DÉCOR: A IMAGEM PRODUZIDA PELO ARQUITETO

Em 1996, o projeto urbano da cidade tinha em vista três principais objetivos para a intervenção: devolver a Bordeaux sua centralidade perdida, apoiar o desenvolvimento da cidade, valorizando o rio, e reabilitar o patrimônio (GODIER e TAPIE, 2004).

Tendo em vista os dois últimos objetivos, um concurso de arquitetura e engenharia foi organizado em 1999 no qual o projeto de Michel Corajoud foi o vencedor. O relatório da Comissão Técnica de 10 de dezembro de 1999 qualifica então esse projeto como “abundante, rico, vegetal, propõe fazer do cais um jardim. A amplitude dos projetos paisagísticos reanima o lugar de maneira autônoma e natural [...]. Dá preferência à hospitalidade do lugar baseando-se na criação de espaços de água, de sombra e de luz, renova a imagem do sítio” (COMMUNAUTÉ URBAINE DE BORDEAUX, 1999, s/p.).

O planejamento dos espaços em grande escala, realizado durante a fase da instalação do *tramway* (bonde), deve então engendrar uma nova imagem da cidade, evoluindo entre tradição e modernidade – tradição pela valorização de seu patrimônio arquitetônico e modernidade pela proposição de uma cidade agradável para viver, uma cidade lúdica com espaços públicos reestruturados e uma imagem decididamente voltada para o futuro.

Dividido em faixas transversais e em cinco seqüências espaciais, o projeto do cais visa a devolver ao rio uma urbanidade e centralidade perdidas. O espelho d’água, colocado em frente à Praça da Bolsa, é um dos pontos principais dos 4,5 quilômetros de cais e a apoteose da seqüência 2.

Destinado a trazer temperança a um espaço exposto ao vento, hostil no inverno e massacrado pelo calor no verão, ele tem também por objetivo solucionar a questão da sombra e da luz em frente à Praça da Bolsa, obra monumental do arquiteto Jacques Gabriel. Construído em 1730, esse conjunto arquitetural constitui um dos principais sítios históricos da cidade. Entre essa construção e o rio, encontra-se o passeio para os pedestres e ciclistas que se estende sobre toda a linha do cais. Medindo aproximadamente 100 metros de comprimento por 60 metros de largura, o espelho e seu entorno representam o equivalente a um terreno de futebol (3.450 m² de espelho e 2.400 m² de borda). Realizado pela Comunidade Urbana e administrado pela cidade, o sistema imaginado pelo especialista em chafariz, o parisiense Jean-Max Llorca, pode fazer aparecer, em seqüência, um efeito de espelho e um efeito de névoa que pode atingir

até dois metros de altura. A camada de água de dois centímetros de espessura que se estende sobre o ladrilho em granito azul é suficiente para refletir tudo sem trazer inconvenientes ligados à segurança. O arquiteto-paisagista encontrou a inspiração em uma poça de água formada sobre o betume após uma tempestade ao pé do monumento. Esse projeto solucionava, ao mesmo tempo, a questão da regulação climática do sítio, permitindo uma reaproximação simbólica do rio Garona de volta à sua antiga localização.

Inaugurado em julho de 2006, o espelho tornou-se rapidamente um espaço de valor icônico. Ele representa, simultaneamente, uma ação política e uma reconquista da cidade sobre seu patrimônio e vem igualmente evocar a presença do rio Garona. Essa mudança é claramente efetuada pelas imagens produzidas pela cidade como testemunha a figura 1. A imagem sugere uma encenação excepcional onde o papel do rio é protagonizado pelo espelho. A imagem produzida pelo efeito reflexivo do dispositivo proporciona igualmente a impressão de uma simetria horizontal perfeita, fazendo sobressair a fachada do cais, com seus lugares mais importantes, a Praça da Bolsa em primeiro plano e a torre Saint-Michel em segundo plano. O equilíbrio entre tradição e modernidade é reforçado pela posição do *tramway* (bonde), que segue a linha de perspectiva traçada pelo reflexo, tendo como ponto de fuga, ligeiramente fora do quadro, a Ponte de Pedra.



Fonte: Prefeitura de Bordeaux.

Figura 1. Imagem divulgada para os votos de Ano Novo 2007 da Prefeitura de Bordeaux

Como explica o arquiteto-paisagista responsável pelo projeto, Michel Corajoud, “o espelho, verdadeira máquina para revelar o valor do lugar, harmoniza os elementos existentes no sítio e faz com que esses elementos se expressem mais do que nunca”*.

A concepção desse espaço visa, então, à produção de uma espécie de vitrine da ação política produzida pelo projeto urbanístico (VLÉS, 2004) e pela valorização arquitetônica. O projeto confere inegavelmente uma característica majestosa ao sítio e dá a impressão de fazer o tempo parar. O efeito visual provocado contribui para dar a sensação de que aquele lugar sempre existiu tal como se apresenta e que não poderia mesmo ser concebido de outra maneira. Assim, o espelho d’água é um elemento importante no relato da ação territorial, cujo enredo se centraliza em torno do papel do rio, tendo como base um diálogo entre tradição e modernidade.

O ESPELHO COMO IMAGEM DE UMA MODERNIDADE RECOMPOSTA

A história e o desenvolvimento da cidade de Bordeaux estão intimamente ligados ao seu rio como meio de escoar a produção de seu território. No século XVIII, Bordeaux se embeleza com uma arquitetura e um urbanismo hoje reconhecidos e classificados como patrimônio mundial da UNESCO. Entretanto, desde essa época de ouro até a atualidade, dentro do contexto das grandes aglomerações midiáticas, a cidade passou por diversos períodos de recomposição. Sendo assim, as mudanças econômicas ao final dos *Trinta Gloriosos* (período entre 1945-1975), a urbanização periférica e o deslocamento do Porto Autônomo de Bordeaux (PAB) para uma posição mais a jusante nos anos 1980 foram fatores que contribuíram muito para problematizar sua identidade.

Bordeaux, cidade patrimonializada com um dos maiores conjuntos preservados da França, parece dar as costas ao rio cujo acesso é bloqueado por hangares desativados, imensas grades e uma grande avenida. A reativação, iniciada pela municipalidade para transformar esses sítios industriais ou portuários em territórios urbanos é então considerada. Em 1995, com a chegada do prefeito Alain Juppé ao poder, muitas iniciativas foram tomadas sobre

* Propósitos recolhidos pelo autor em entrevista em Paris, 2007.

dossiês já discutidos anteriormente. Desde o início dos anos 1980, grandes projetos se sucederam na proposição de uma desejável reapropriação das margens do rio: o projeto *Bastide* de Ricardo Bofill e as reflexões do *Cercle de la Rivière* em 1988, o apelo a idéias internacionais do *Arc en Rêve* em 1989, o projeto *Deux-rives* de Dominique Perrault em 1991. O mito da quebra do encanto da “bela adormecida” alimenta, assim, o discurso da municipalidade que, tornado visível pelo espelho de água, parece hoje ser amplamente reutilizado na comunicação.

UMA CONCEPÇÃO POBRE DO ESPAÇO PÚBLICO?

A picturalidade da obra de Gabriel, redobrada pelo reflexo, reforça a monumentalidade de um sítio cuja nova encenação visa à reintegração do rio dentro da vida urbana. Todos esses efeitos, testemunhas da produção de uma nova imagem do sítio, encontram-se, desde a concepção desse projeto, eminentemente pictural.

Uma breve análise da imagem produzida para apresentação do projeto (Figura 2) testemunha essa força de sugestão. Todos os elementos presentes na imagem utilizada para a transmissão dos votos de Ano Novo já estão presentes no espaço projetado. A Praça da Bolsa reflete-se, como que orgulhosa dela mesma, num espelho produtor de imagem e de ambiente. Ele confere à cena uma dimensão estética através da composição da imagem que ele reflete. Através do jogo ótico que ele propõe, a cidade se deixa ver, expõe-se duplamente e vê-se. A dimensão narcísea do espelho atua plenamente e produz uma irremediável necessidade de ser espectador da cena. Sabemos que o visual constitui um vetor essencial da ação urbanística na medida em que ele oferece, ao mesmo tempo, o sentimento de controle do espaço e uma “representação perfeita da virtualidade espacial projetada” (LUSSAULT, 2003, p. 55-56.). Podemos pensar também que o espaço público é aqui concebido como uma imagem no sentido moderno do termo. Em outras palavras, uma imagem a observar que envia o sujeito à sua condição de espectador. Este último é representado à margem do espaço monumental. O reflexo está no centro do projeto e confere-lhe sua dimensão fotogênica.



Fonte: Imagem de síntese: XYZ – foto J. B. Bosseau.

Figura 2. Projeto do espelho (noite)

A utilização do espelho no serviço de comunicação da municipalidade é um forte sinal do lugar que ele ocupa dentro da imagem da ação política. Ele tornou-se o símbolo da metamorfose de Bordeaux, o clichê a ser feito da cidade, o testemunho do balanço de resultados da política urbanística de Alain Juppé. Porém, as imagens produzidas para as mensagens de Ano Novo parecem marginalizar a vocação do espaço público, que é a apropriação e a capacidade de improvisação do público que o frequenta. O usuário é espectador e não ator: ele observa, admira a imagem da cidade refletida no espelho. Com certeza, a ausência de barreiras protetoras e a fina película de água fazem do espelho um espaço acessível. Entretanto, estamos longe das “estratégias barcelonesas”, que colocam a cultura urbana no centro do projeto (BERDOULAY e MORALES, 1999, p. 95). Desse ponto de vista, a concepção urbanística não é excludente, porém ela é pobre. As imagens nas quais essa concepção se baseia apresentam um espelho que é um reflexo puro, sem qualquer outra interferência, cujo sentido convida a contemplar a imagem do exterior.

MUDANÇA DE CENA: DE REPENTE, UMA NOVA SITUAÇÃO APARECE...

Fato notável, com a inscrição da cidade de Bordeaux como patrimônio mundial da UNESCO em julho de 2007, não é o espaço monumental, vetor perfeito de um discurso vangloriando a associação harmoniosa entre tradição e modernidade, que é considerado. É a prática do espaço e o cenário que aí se desenvolvem que são valorizados pelo serviço de comunicação. Nesse caso, não haveria então concorrência entre duas imagens da cidade?



Fonte: Serviço de comunicação, prefeitura de Bordeaux.

Figura 3. Imagem divulgada para a celebração da inscrição de Bordeaux ao Patrimônio mundial da UNESCO

No primeiro plano da fotografia, vemos uma jovem, em trajes estivais, lançando-se com os pés descalços sobre o espelho d'água. O dispositivo espacial aparece parcialmente. Ele está presente como parte do panorama que é proposto pelo sujeito principal, a ponta dos pés da dançarina tocando levemente a superfície da água. Aqui, não observamos o efeito espelho; é a imagem já

concebida que o fotógrafo captou e que o serviço de comunicação escolheu. A Praça da Bolsa aparece, aliás, somente como reflexo nesse painel. O observador adivinha em segundo plano, uma parte do edifício, mas somente um olhar aguçado poderá identificar formalmente o lugar. Soazic Quer, responsável pelo serviço de comunicação da cidade de Bordeaux, explica essa escolha: “A praça da Bolsa não é mostrada totalmente; não são os prédios que queremos destacar, pois o perímetro a ser classificado é muito importante, impossível de privilegiar tal ou tal lugar”. O perímetro inscrito compreende não somente um patrimônio arquitetônico e urbano, que testemunha o passado glorioso de Bordeaux – tal como a Praça da Bolsa –, mas também os edifícios mais recentes, que fazem parte da arquitetura moderna (bairro Mériadeck) e contemporânea (Tribunal de Grande Instance).

O que a imagem mostra e o que faz sentido não é mais um reflexo, um monumento, mas a cidade em ação, o espaço público em atos, a encenação espontânea da cidade urbana.

Mesmo classificada como Patrimônio Mundial da UNESCO, Bordeaux sabe viver e não se isola dentro de muros, por mais belos que eles sejam. Nesse espaço, os habitantes de Bordeaux são os mestres dos lugares, tudo é pretexto para redescobrir e utilizar a cidade de maneira inovadora. Brincar na água diante deste conjunto do século XVIII surge como uma utilização simpática e não prevista; sob a calçada, a praia... (entrevista em Bordeaux, 2008).

Essa expressão foi utilizada como slogan em maio de 1968 e contém uma dupla mensagem: uma referência às praticas de lazer sobre a praia e, simultaneamente, a idéia de subversão de um espaço funcional em lúdico. O serviço de comunicação da cidade de Bordeaux mostra assim um lugar totalmente diferente, insistindo menos sobre a autoridade do espaço construído do que o que ele realmente possibilita, inclusive a sua própria alteração. Conseqüentemente, é conveniente analisar o que esse painel nos diz da cidade, como ele se compõe e qual seria o papel do espaço nessa configuração.

DA CIDADE-MONUMENTO À CIDADE EM AÇÃO

Desde o seu término em julho 2006, o espelho d’água suscita o interesse dos transeuntes. Soazic Quer (entrevista em Bordeaux, 2008) afirma que: “em muito pouco tempo, os habitantes de Bordeaux se apropriaram do lugar; é o lugar que eles querem descobrir; esse lugar da cidade tornou-se incontornável para muitos. Ele exaspera, ele diverte, ele faz sonhar e faz viajar”. Numerosas

práticas se revelam. Como foi imaginado, os passantes vêm se distrair olhando o reflexo e contemplando o monumento. Acontece, também, de eles colocarem os pés sobre o espelho e divagarem. Além disso, os habitantes reúnem-se numerosos em torno do espelho e o utilizam de múltiplas maneiras, aproveitando as variações propostas pelo dispositivo espacial. Esconde-esconde na névoa pulverizada e pega-pega com borrifadas de água constituem as principais brincadeiras das crianças que os pais não hesitam em despir para a ocasião. Em geral, jovens e outros menos jovens divertem-se com as diversas brincadeiras que a água e o espelho permitem. Observamos assim uma utilização lúdica do lugar, que faz lembrar o das práticas balneárias. Os mais ousados não hesitam em introduzir modalidades de esportes mais apropriados para a praia. Testemunhas descrevem uma outra prática mais audaciosa: o “topless” que parece ter adeptas reunidas em torno do espelho. “Sob a calçada, a praia...”, como sugere Soazic Quer (entrevista em Bordeaux, 2008). Outras testemunhas, publicadas no jornal regional *Sud Ouest*, descrevem usos inconvenientes – o espelho apresentado como uma “creche” – e tensões latentes – os problemas de higiene ou de segurança que resultam de práticas, às vezes, inapropriadas. Em cada caso, o comentário traduz um efeito de surpresa, uma surpresa frente à frequência extraordinária e multiforme do espelho.

Práticas eventuais no cenário projetado se transformam no evento. Um evento constitui uma ruptura inscrita no curso da ação que ele reorienta. Isso significa que ele não está fora do contexto, mas que ele o modifica. No léxico da dramaturgia, o evento pode estar próximo do *coup de théâtre*. Precisemos aqui que ele não opera pela intervenção de um *Deus ex machina*, mas sim pela irrupção do público no interior da intriga urbana. O público impõe assim sua figura no centro da cena. Em outras palavras, esse *coup de théâtre* não é uma ação planejada, mas depende de um agir contingente, que faz do espelho d’água algo mais que um monumento a observar. “Jamais! Jamais poderíamos ter imaginado tal entusiasmo popular. As pessoas vieram se colocar no meio da cena, uma vez inaugurado o espelho d’água”, espanta-se, assim, Michèle Larue-Charlus, diretora-geral do urbanismo da prefeitura de Bordeaux, enfatizando ao mesmo tempo os efeitos esperados e as surpresas surgidas durante a encenação (COEN, 2008, p. IV).

Desde então, o espelho não é mais somente uma superfície-reflexo, um objeto monumental participando de uma cidade-obra, ele constitui um dos recursos

mobilizados pelos indivíduos em situação de interação (JOSEPH, 1996). Essas práticas são contingentes na medida em que elas estão intimamente ligadas ao dispositivo espacial sem que sejam determinadas por ele. Os numerosos pequenos “desvios” que os indivíduos cometem são uma boa ilustração disso e estão representados no comentário de Soazic Quer (entrevista em Bordeaux, 2008), “sob a calçada, a praia...”, dessa vez para mencionar a despreocupação de uma subversão inofensiva e lúdica. A noção tática, tal qual Michel de Certeau (1990) a descreve, em oposição às estratégias, permite caracterizar mais precisamente a dimensão espacial dessa irrupção. As estratégias são ações que implicam o controle “objetivo” do espaço, engendrando um fazer e um dizer determinantes, enquanto a tática se desenvolve dentro de um contexto já existente. Ela deve, então, agir obrigatoriamente com o espaço tal como ele está organizado, inventando no seu interior uma reorganização original. Assim, as práticas não se contentam em desestabilizar a imagem que se reflete; elas destroem e reconstróem o espelho. Como uma tal encenação contribui para fazer imagem?

DA IMAGEM AO CENÁRIO: UM OUTRO JOGO DO ESPELHO?

Desses jogos, resulta uma recomposição espacial inédita, surgida de um trabalho de configuração recíproca entre lugar e sujeito (BERDOULAY e ENTRIKIN, 1998), um prisma cuja imagem se torna difícil de ser captada por um primeiro olhar. Desde então, a imagem só não é mais suficiente. Ela se multiplica, duplica-se, ganha contrastes, satura-se e, sobretudo, ela se anima. Assim, o que o espelho deixa transparecer aqui, é o cenário da vida urbana (GOMES, 2008). Ele é o resultado de uma encenação (GOFFMAN, 1973) na qual as pessoas se dedicam aos jogos da observação recíproca (QUÉRÉ e BREZGER, 1993) e através dos quais podemos observar a cidade em ação (JOSEPH, 1994). É preciso ainda insistir sobre a dimensão material desse cenário, que não reduz o espelho d’água a um simples suporte para o jogo dos atores. O cenário implica, simultaneamente, na cena e no décor, na ação e na intriga. O que é notável, no evento prático que constitui o espelho d’água, são as mudanças que alteram o estatuto do dispositivo espacial e conseqüentemente a imagem da cidade. Do espaço com vocação monumental, auto-suficiente, uma vez que há espectadores para admirá-lo e mesmo alguns figurantes que se movem, o espelho torna-se uma cena da vida urbana com todos os imprevistos que ele contém. O espaço aqui não é um simples quadro, ele constitui um recurso para

os usuários atores, que têm a especificidade de se transformarem em sujeitos do cenário que eles mesmos contribuem a escrever. De um lugar atributo, o espelho d'água transforma-se em um espaço de ações, lugar de condensação social onde a cidade torna-se visível para ela mesma (DEBARBIEUX, 1995). É essa imagem em movimento que aparece no painel da UNESCO. Pelas suas qualidades de cenário, a vida urbana oferece assim uma imagem carregada de sentido aos comunicantes, que não hesitam em se apropriarem das práticas inventadas pelos usuários, modificando o estatuto do espelho d'água. Segundo Soazic Quer (entrevista em Bordeaux, 2008), “os habitantes de Bordeaux decidem viver a cidade como eles querem, todas as imagens inesperadas da Praça da Bolsa não são senão reflexos dessas novas utilizações. É isso que nós queremos mostrar e não somente um clichê impossível a realizar da cidade classificada”.

EPÍLOGO: A IMAGEM DA CIDADE EM TODOS SEUS ESTADOS

Em suma, o que o espelho deixa transparecer é, primeiramente, o lugar que ele reflete, a Praça da Bolsa, a fachada do cais da qual ela faz parte, e a cidade de Bordeaux em seu todo, por efeito metonímico. A imagem aparece, aqui, no centro do projeto urbanístico, como um elemento de composição arquitetônica. Enquanto espaço público, o espaço reorganizado se abre em seguida ao cenário improvisado da cidade que está se fazendo, um lugar inédito se constituindo à medida que aparecem novas práticas que vão além do dispositivo projetado. O que há de notável, nesse caso preciso, é a repercussão encontrada pela imprevisibilidade da vida urbana na comunicação municipal. Enfim, o estudo do espelho traz informações não somente sobre a dimensão geográfica das imagens, mas proporciona igualmente a oportunidade de um olhar sobre a geografia das imagens. Duas abordagens geográficas da imagem, consideradas como dois excessos podem ser identificados. A iconofilia nos remete à crença que uma imagem em geral provoca – em particular o mapa, que é considerado como uma transcrição fiel do real. A iconofobia designa a posição inversa, que consiste em adotar a atitude de desconfiança. A imagem e o visual são percebidos como uma fonte de erros. Trata-se de representações que convêm destruir a fim de ressaltar o real que elas deformam e dissimulam. Entre essas duas perspectivas, uma terceira opção está traçada pelos partidários de uma abordagem pragmática, atenta à dimensão “performativa” das imagens, de onde provém a realidade delas (SÖDERSTÖM, 1999; LUSSAULT, 2003). Todavia,

convém precisar que, a partir dessa posição intermediária, que vai além da oposição entre iconofilia e iconofobia, um outro ponto de vista merece atenção. De fato, como mostra o estudo do espelho d'água, os produtores de imagens nem sempre são aqueles que as utilizam, e estes nem sempre concebem as imagens *ex nihilo*. Em outras palavras, se admitirmos que a imagem tem sua própria realidade, convém também precisar que uma imagem circula e conseqüentemente ela é passível de sofrer pequenos retoques de onde podem surgir novas inspirações; além disso, ela tem uma dimensão pragmática. Se é verdade que as imagens participam na constituição do espaço, devemos lembrar também que essas imagens são constituídas de espaço, na medida em que os lugares são cenas animadas pelo jogo das significações (GOMES, 2008). Em outros termos, a imagem não se limita a acrescentar estados ao mundo; ela é parte integrante desse mundo. Assim, o geógrafo pode contribuir para restituir a pluralidade das imagens, da maneira como elas se constituem nos espaços de visibilidade privilegiados que são os espaços públicos.

REFERÊNCIAS

- BERDOULAY, Vincent ; MORALES, Montserrat. Espace public et culture : stratégie barcelonaises. *Géographie et Cultures*, Paris, v., n. 29, p., primavera, 1999.
- BERDOULAY, Vincent ; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lieu et sujet : perspectives théoriques. *L'espace géographique*, Paris, v. 27, n. 2, p. 111-121, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien : Arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990. V. 1.
- COEN, Lorette. Miroir, mon beau miroir, dis-moi comme je suis belle ! *Courrier International*, Paris, n. 902, p. 14-20, fev., 2008.
- COMMUNAUTÉ URBAINE DE BORDEAUX. *Relatório Comissão Técnica: Opiniões sintéticas*. 10 dezembro 1999. Análise do projeto nº 5. Concurso de planificação do cais, 1999. Relatório técnico.
- DEBARBIEUX, Bernard. Le lieu, le territoire et trois figures de rhétorique. *L'espace géographique*, n. 2, p. 97-112, 1995.
- GODIER, Patrice; TAPIE, Guy. *Recomposer la ville : mutations bordelaises*. Paris: L'Harmattan, 2004.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Cenários para a Geografia: Sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: _____. *Geografia e Cultura: pluralidade metodológica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008a (no prelo). Paginação ainda não disponível.
- GOFFMAN, Erwing. *La mise en scène de la vie quotidienne*. Paris: Minuit, 1973. 3 v.

JOSEPH, Isaac. Les compétences de rassemblement. Une ethnographie des lieux publics. *Enquête*, Marselha, n. 4, p. 107-122, jul.-dez., 1996.

_____. Le droit à la ville, la ville à l'œuvre. Deux paradigmes de la recherche. *Les Annales de la recherche urbaine*, Paris, v., n. 64, p. 5-9, set., 1994.

LUSSAULT, Michel. L'espace avec les images. In: DEBARBIEUX, Bernard; LARDON, Sylvie (Dir.). *Les figures du projet territorial*. La Tour d'Aigues. Paris: Éditions de l'Aube/DATAR, 2003. P. 39-59.

QUÉRÉ, Louis; BREZGER, Dietrich. L'étrangeté mutuelle des passants. *Les annales de la recherche urbaine*, Paris, n. 57-58, p. 88-99, mar., 1993.

SÖDERSTRÖM, Ola. Les géographes et le visuel : de l'iconophilie à une expertise des images. In: CHIVALLON, Christine; RAGOUE, Pascal; SAMERS, Michael (Dir.). *Discours scientifiques et contextes culturels : géographies britanniques et françaises à l'épreuve postmoderne*. Talence: Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 1999. P. 253-270.

VLES, Vincent. Espaces publics et mise en scène de la ville touristique. In: BERDOULAY, Vincent; GOMES Paulo Cesar da Costa; LOLIVE, Jacques (Org.). *L'espace public à l'épreuve*. Régressions et émergences. Bordeaux: Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 2004. P. 177-186.

Recebido em: 21/01/2008

Aceito em: 27/03/2008